



O comportamento da variável palatal /ʎ/ no falar quilombola em Pernambuco

Edmilson José de Sá¹

RESUMO:

O presente trabalho visa analisar o comportamento variável da consoante lateral palatal /ʎ/ em quilombos pernambucanos. Para tanto, foram selecionadas as ocorrências fonéticas para vocábulos como *grelha*, *colher*, *ovelha*, *abelha*, *orelha*, *joelho*, *mulher* e *barulho*. A ideia parte da verificação preliminar de algumas realizações com a referida consoante mantida nos vocábulos, mas também com itens em que houve tanto a despalatalização quanto a iotização. Por meio de um suporte teórico-metodológico conferido a Labov (1972) em que se predomina a Sociolinguística Variacionista, por meio da qual cada aspecto linguístico que pode ser modificado de acordo com a preferência do falante é influenciado por uma valorização social que orienta sua escolha. A pesquisa foi realizada em cinco quilombos do estado de Pernambuco (três do Sertão do Moxotó e dois do Ipanema) com vinte pessoas distribuídas equitativamente quanto ao sexo e a duas faixas etárias – 18 a 30 anos e 50 a 65 anos. O processo de análise foi feito por meio do Goldvarb X, correlacionando as variáveis sociais às linguísticas (tonicidade, contexto precedente e contexto seguinte). Os resultados apontam para uma inibição da variante conservadora [ʎ], já que as mulheres, sobretudo, da segunda faixa etária preferiram as variantes inovadoras em que a consoante perdeu o traço palatal. Do ponto de vista linguístico, por sua vez, a despalatalização decorre da vogal articulada após a consoante palatal, não sendo favorecedoras, portanto, a tonicidade e o contexto precedente.

PALAVRAS-CHAVE:

Pernambuco;
Quilombos;
Sociolinguística;
Lateral palatal /ʎ/

¹ Doutor em Letras (UFPB), Pós-Doutor em Letras (UFPA). Professor de Língua Portuguesa e Literatura no Centro de Ensino Superior de Arcoverde (CESA) e Professor Colaborador no Mestrado Proletras da Universidade Pernambuco (UPE) – Campus Garanhuns. Contato: edjm70@gmail.com

Introdução

Quando se pensa em analisar a variação fonética de consoantes na fala dos brasileiros, sobretudo, quando essas se realizam em posição de onset, percebe-se a invariabilidade em ocorrências com oclusivas bilabiais /p,b/, fricativas labiodentais /f,v/, alveolares /s,z/ e a velar /x/, na nasal bilabial /m/ e na lateral alveolar /l/, exceto em alguns contextos geográficos em que a variação pode existir. Contudo, as oclusivas dentais alveolares /t,d/, as oclusivas velares /k,g/, a nasal palatal /ɲ/ e a lateral palatal /ʎ/ costumam ser objeto de estudos de muitos pesquisadores, haja vista os processos de variação que podem sofrer.

Neste trabalho, serão apresentados os resultados de um estudo sobre a variação da consoante lateral palatal /ʎ/ no falar quilombola pernambucano, sob os auspícios da Sociolinguística Variacionista, a partir do corpus coletado para o Atlas Linguístico Quilombola do Moxotó - Ipanema de Pernambuco (ALQUIMPE) (SÁ, 2018) com base em inquéritos realizados em cinco comunidades.

Objetiva-se aprofundar os estudos fonéticos, tradicionalmente urbanos no Estado, mas ainda embrionários nas comunidades tradicionais, oportunizando, assim, a possibilidade de descrever as variantes que foram registradas e de analisá-las estatisticamente segundo a forma como foram distribuídas à luz de restrições linguísticas (tonicidade, contexto precedente, contexto seguinte) e extralinguísticas (ponto de inquérito, sexo, faixa etária), supondo-se que tais a variação nas ocorrências da lateral palatal dependeria de tais restrições.

A despeito de estudos já existentes sobre a temática abordada, ainda são os poucos os que ultrapassam os limites da urbanização e, na mesma direção, abordando o falar presente em comunidades tradicionais, o que *per se* justifica a escolha pelas reflexões acerca da variação do segmento fonético escolhido.

O artigo em tela se estrutura da seguinte maneira: inicialmente serão apresentadas as raízes africanas que contribuíram com a formação do povo pernambucano. Para situar o leitor sobre o lugar da consoante lateral palatal no âmbito da variação fonética, será apresentado um panorama fonético-fonológico sobre o objeto de estudo, mencionando, inclusive, estudos de falares brasileiros em que foram delineados os fatores responsáveis pela variação. Na seção seguinte, apresentam-se os aspectos metodológicos do trabalho, partindo da estrutura do Atlas Linguístico Quilombola do Moxotó-Ipanema de Pernambuco até os itens que foram utilizados para formação do banco de dados. Em seguida, serão analisados os dados à luz da Geolinguística Pluridimensional (THUN, 1995, 1998, 1999), de modo a abordá-los,

quantitativa e qualitativamente, conforme as dimensões diatópica e diastrática, usufruindo de um programa estatístico apropriado para esse tipo de análise. Após a discussão dos dados, serão apresentadas as considerações finais, por meio das quais será feita uma retomada do trabalho segundo a relevância depreendida para os estudos linguísticos.

1 Pernambuco e suas raízes africanas

É amplamente conhecido que a maior parte da população nordestina é descendente de africanos. Em Pernambuco, por exemplo, essas pessoas foram capturadas em suas terras natais e trazidas pelos portugueses como escravos para trabalhar nos canaviais, nas usinas de açúcar, na pecuária e nas residências dos senhores de engenho e proprietários de terras (TEIXEIRA; CHIANCA, 2012, p. 18). O número de escravos aumentou significativamente com o crescimento dos canaviais, uma tendência que durou quase dois séculos antes de ser interrompida no início do século XIX. De acordo com Goulart (1975, p. 269), os números apontam para uma quantidade maior de escravos em Pernambuco em comparação com o Pará e o Maranhão, conforme se pode ilustrar no quadro 1:

Quadro 1 - Número estimado de africanos escravizados no Brasil provenientes de Angola para Pernambuco, Pará e Maranhão

	Pernambuco	Pará	Maranhão	Total
1804	3477	1561	1650	6688
1805	1529	1557	1755	4841
1806	—	3778	—	3778
1807				(3453)
1808				(3129)
1809	2804	—		2804
1810	1411	345	506	2262
1811				(2891)
1812	2747	360	413	3520
1813	3437	352		3789
1814				(4190)

1815	4237	353		4590
1816	5958			7526
1817	6448	944	624	9736
1818	8606	393	2896	11.626
1819	8362	879	2141	13.255
1820		1041	3852	(12.292)
1821				(11,330)
1822				(10,368)
1823	5143	2183	2088	9406
1824	2880	536	—	3416
1825	2509	—	—	2509

Fonte: Goulart (1975)

Miller (1975, p. 138) sugere que escravos de diferentes países africanos eram uma presença provável na região. Ele aponta para a possibilidade de milhares de escravos terem sido trazidos de Benguela (Angola) para Pernambuco entre 1817 e 1825, uma época das quais as estatísticas ainda não são conhecidas. Outros escravos também foram identificados como vindo de Luanda e do Sudão. Chegando em Pernambuco, esses escravos foram submetidos a um tratamento cruel pelos proprietários de engenhos e seus feitores. Eles foram alojados em senzalas e trabalhavam diariamente, muitas vezes sob as condições mais severas, sofrendo punições corporais violentas se desobedecessem. João Fernandes Vieira, por exemplo, é conhecido por ter sido especialmente cruel durante a Restauração Pernambucana (MELLO, 1953).

Para Sette e Andrade (1959, p.66), a escravidão em Pernambuco não era vista como um problema na época, especialmente porque a região importava muitos escravos bantos. Já os sudaneses escravizados em Pernambuco eram utilizados principalmente nas atividades agropastoris dos currais sertanejos, para onde foram levados por vaqueiros que fugiam da pressão dos canaviais do Recôncavo, na Bahia, seguindo pelas margens do Rio Francisco. Essa migração deixou traços na população local, principalmente entre os cafuzos sertanejos, que ainda carregam heranças genéticas dos escravos que chegaram em Pernambuco vindos da Bahia.

É importante destacar que a humanidade e a dignidade desses escravos foram sistematicamente violadas durante o período colonial. Embora hoje se consiga reconhecer sua importância e honrar sua memória, é conveniente pensar nas terríveis

injustiças que foram cometidas contra eles, e trabalhar para garantir que esse tipo de opressão nunca mais ocorra na sociedade.

A influência étnica e cultural dos negros na formação da identidade pernambucana é incontestável na literatura. Traços característicos da pele, como o tom pardo e moreno, e da constituição anatômica, como cabelos crespos e lábios volumosos, são evidências da herança africana presente na região. Além disso, a riqueza vocabular da língua local também apresenta forte influência dos idiomas africanos.

A luta contra a escravidão em Pernambuco teve início tanto por meio da ação dos brancos, que pregavam pela abolição, como também pela resistência dos próprios negros, que buscavam fugir e se organizar em comunidades quilombolas. O maior exemplo dessas comunidades é o Quilombo dos Palmares, que durou de 1630 a 1697 e foi o lar de escravos bantos, mulatos e crioulos. Outros quilombos menores surgiram nos anos seguintes, e atualmente são conhecidos como comunidades negras tradicionais, mocambos, comunidades rurais ou terras de pretos.

Nessas comunidades, as tradições africanas são mantidas e passadas adiante em áreas como agricultura, medicina, religião, artesanato e culinária, além da preservação da relação sagrada com a terra e da vida comunitária. A Federação Cultural de Palmares é o órgão responsável pela identificação e reconhecimento dessas comunidades como herdeiras de quilombos históricos.

Dessa forma, é possível afirmar que os negros deixaram uma marca indelével na cultura pernambucana, reinventando pequenas Áfricas em solo americano e preservando as suas tradições, como aponta Souza (2012).

2 O lugar das consoantes palatais

Via de regra, as consoantes costumam ser classificadas a partir de alguns aspectos em que se consideram o modo e a zona de articulação e a relevância das cavidades oral e nasal, além do papel das cordas vocais.

Considerando esses aspectos, a nomenclatura notadamente diversificada e, por vezes, de aplicação incerta acaba dificultando a classificação dos fonemas, assumida preliminarmente como uma atividade simples. O fonema /ʎ/, em tese, é descrito fonética e fonologicamente como uma lateral oral, dorso-palatal, sonora.

Tanto esse fonema palatal quanto o nasal /ɲ/ ocorrem em sílabas mediais ou finais. Inclusive, Câmara Jr. (1972, p. 38) defende uma neutralização quando as laterais e nasais estão em posição intervocálica:

Podemos dizer que em posição não-intervocálica há uma neutralização das oposições entre a líquida dental /l/ e líquida palatal, ou molhada /ʎ/, e entre nasal dental /n/ e nasal palatal, ou molhada /ɲ/, em proveito do primeiro membro de cada par.

Na realidade, é a localização da articulação que caracteriza os fonemas palatais. Assim, o articulador ativo é a parte central da língua, e o articulador passivo é a última parte do palato duro. Na fala espontânea, no entanto, é possível que o contato entre a língua e o palato se enfraqueça, resultando, assim, numa ‘evolução do som palatal’, a que Cagliari (1974, p. 161) se refere ao falar sobre o estágio de desenvolvimento desse som. Desse modo, em certos contextos, é possível que os fonemas /ʎ/ e /ɲ/ percam sua articulação palatal devido à facilidade ou relaxamento na produção do som, sendo substituídas pelos fonemas alveolares /l/ e /n/ ou simplesmente desaparecendo.

Algumas teorias consideram esse fenômeno como um aspecto puramente fonético, enquanto outras sugerem influência afro-latina ou a possibilidade de gerar um novo fonema em vez de apenas uma variação de articulação dos fonemas originais. Em todos os casos, porém, é importante observar cuidadosamente como essas mudanças de som podem afetar a pronúncia em diferentes contextos.

A despalatalização se constitui, então, de um “fenômeno fonético de caráter individual ou regional que consiste em trocar-se um fonema palatal por um alveolar ou linguodental em consequência de não se apoiar devidamente a língua na abóbada palatina ao proferir aquele som”. (BERGO, 1986, p. 60).

Acredita-se que a origem da despalatalização da lateral palatal seja um fenômeno controverso, com teorias diversas tentando explicar sua gênese. Segundo Câmara Jr (1986), por exemplo, pode-se atribuí-la à dificuldade dos africanos e indígenas em produzir determinados fonemas do português. Também é possível que tenha sido influenciada pelo português crioulo dos escravos negros ou pelo substrato indígena.

Embora haja diferentes perspectivas sobre a origem desse fenômeno, Scherre e Naro (2007) defendem a variação da lateral palatal advinda do latim, como é o caso da palavra "filio" que originou "filho" em português.

Estudos realizados no Brasil têm descrito a lateral palatal desde os anos 80. Aqui convém descrevê-los resumidamente a começar com o trabalho de Oliveira (1983). Ele selecionou cuidadosamente uma amostra de 50 residentes em Belo Horizonte, considerando gênero, idade e status social para compor seu estudo. Os resultados obtidos destacaram que a maioria dos informantes (81,2%) produz a lateral palatal do modo padronizado. A forma lateral (4,5%) é considerada rara e a semivogal

(14,3%) é uma forma tida como estigmatizada. Já no estudo realizado por Mota (2007) teve como objetivo analisar a variação linguística presente na realização da consoante lateral palatal em diferentes vocábulos. A pesquisa foi conduzida em seis capitais do nordeste brasileiro, incluindo Salvador, Aracaju, Maceió, Recife, Teresina e João Pessoa.

Foram coletados dados por meio de 48 inquéritos, que resultaram em 2.249 ocorrências analisadas. Utilizando a metodologia da sociolinguística laboviana e o Pacote Varbrul² para análise estatística, constatou-se que a realização despalatalizada ([mʊ'lɛ]) ou iotizada da consoante lateral palatal ([mʊj'ɛ]) esteve presente em 91% dos casos, com apenas 9% encontrados em falantes com menos anos de escolarização.

Os resultados obtidos pela autora evidenciam a importância de se compreender a variação linguística presente em diferentes regiões e contextos sociais. A pesquisa contribui para o aprimoramento da sociolinguística e pode subsidiar o ensino de língua portuguesa de forma mais adequada e eficiente.

De acordo com estudos realizados por pesquisadores tais como Soares (2008), no Pará, Melo (2008), no Acre, e Razky e Fernandes (2010), no Pará e no Amapá, foi possível constatar que a variante palatalizada é amplamente preferida e utilizada pelos falantes das regiões analisadas. Tal preferência é comprovada pelos números obtidos em diferentes estudos, que mostram que a variante [lʲ] é a mais comum e prestigiada, enquanto outras variantes, como a semivocalizada e a lateral seguida de glide, são menos frequentes. Freire (2011), por sua vez, observou em sua análise realizada em Jacaraú (PB), que mais de 60% dos falantes utilizam a lateral palatal, seguida de variações como a semivocalizada e a lateral alveolar.

Em Quandt (2014), foi observado através de dados coletados no Rio de Janeiro que a lateral palatalizada corresponde a 55.2% (1363 ocorrências) da frequência utilizada, enquanto a lateral palatal atinge o índice de 28.6% (705 ocorrências). As outras variantes apresentaram baixa representatividade na amostra, incluindo despalatalização + iode ([lʲ]) com 13%, despalatalização ([l]) com 2.6%, iotização ([j]) com apenas 0.5%, e síncope [∅] com 0.1%.

Já em Santos (2018), foram analisados dados de 144 informantes em seis cidades do estado de Alagoas, onde foi observado que 65% dos falantes utilizam a forma palatalizada [ʎ], 19% utilizam a lateral [lʲ], e 16% utilizam o glide [j].

Nos resultados da pesquisa de Lima (2010) em 27 falantes da comunidade quilombola de Caiana dos Crioulos, na Paraíba, tendo a divisão de acordo com o sexo e idade (acima de 50 anos), foi constatado que o uso da lateral palatal é inexistente,

² Ferramenta de análise sociolinguística desenvolvida por Henrietta Cedergren e David Sankoff com a qual é possível avaliar estatisticamente resultados de uma regra variável, permitindo "permitindo "predizer" probabilisticamente a taxa aproximada de uso (...) dadas as informações sobre as características sociais da pessoa, da situação social e do contexto. (GUY, 1988, p. 28)

sendo substituída pela semivogal [j] com 78% de frequência, e a lateral alveolar [l] com 22%.

Fazendo um retrospecto dos estudos elencados, percebe-se que a escolaridade do falante é o que mais impulsiona a realização da palatal. Contudo, é importante ressaltar que, além da região do Pará, a comunidade quilombola de Caiana também não apresenta a consonante lateral palatal. Resta, portanto, observar se nas comunidades investigadas nos quilombos pernambucanos essa realidade também se mantém.

3 A origem do corpus: alguns aspectos metodológicos

Os estudos geolinguísticos voltados para os falares das comunidades quilombolas pernambucanas ainda constitui um campo pouco explorado. Porém, a partir da construção do pioneiro Atlas Linguístico Quilombola do Moxotó - Ipanema de Pernambuco (ALQUIMIPE) (SÁ, 2018), já é possível preannunciar um caminho fértil para novos trabalhos voltados para as comunidades tradicionais no estado, a despeito de pesquisas anteriores voltadas apenas para as comunidades indígenas, na maioria das vezes tratando exclusivamente de aspectos étnicos e territoriais.

O ALQUIMIPE foi elaborado com base em uma diagnose realizada em cinco comunidades selecionadas nas mesorregiões do Moxotó e do Ipanema. Essa diagnose foi estruturada por meio da aplicação de um questionário a quatro informantes, conforme distribuição do quadro 2, na sequência:

A proposta metodológica do ALQUIMIPE segue os seguintes parâmetros:

Quadro 2 - Aspectos metodológicos para o ALQUIMIPE

INFORMANTES (cf. CARDOSO, 2010)	PONTOS DE INQUÉRITO			
	Município	Microrregião	Distância aproximada da capital (Recife) - km	Comunidade selecionada
18 a 30 anos e 50 a 65 anos	Custódia	Moxotó	339	Buenos Aires
Até 5º ano do ensino fundamental – anos iniciais	Buíque	Ipanema	284	Mundo Novo
Poucas ausências da comunidade	Sertânia	Moxotó	320	Urubu
Nenhum problema articulatório	Inajá	Moxotó	391	Poço Dantas
	Águas Belas	Ipanema	316	Angico

Fonte: Organização do autor.

Segundo o quadro 2, a escolaridade dos sujeitos selecionados não ultrapassou o quinto ano do ensino fundamental, e nenhum deles apresentou dificuldades articulatórias. Após os inquéritos, com base no respaldo teórico-metodológico da Geolinguística (FERREIRA; CARDOSO, 1994; THUN; ELIZAINCÍN, 2000; CARDOSO *et al.*, 2014), as variedades linguísticas foram cartografadas em mapas, permitindo, assim, a observação de fenômenos fonéticos e lexicais nas cartas linguísticas.

Para este artigo, foram escolhidas as respostas às perguntas do Questionário Fonético-Fonológico (QFF) (CARDOSO *et al.*, *op cit*), elencadas no quadro 3, que apresenta o número de ordem, a questão e a resposta esperada:

Quadro 3 - Questões aplicadas cujas respostas foram usadas como *corpus*

Número	Questão	Resposta esperada
23	... uma pequena grade de metal ou de ferro, que se coloca em cima da churrasqueira ou da brasa, para assar carne, frango, etc.?	<i>grelha</i>
25	A carne se come de garfo e faca. E a sopa, com que se toma? [O que é que se usa para tomar sopa?]	<i>colher</i>
40	... a fêmea do carneiro?	<i>ovelha</i>
43	... um inseto que carrega o pólen das flores, vive em colmeias, fabrica um líquido grosso, amarelado, que é usado como alimento e como remédio?	<i>abelha</i>
107	... esta parte? <i>Apontar para a parte do corpo.</i>	<i>orelha</i>
115	... esta parte? <i>Apontar para a parte do corpo.</i>	<i>joelho</i>
122	E Eva foi a primeira _____?	<i>mulher</i>
147	Quando uma criança está dormindo e não se quer que ela acorde, se diz: Fale baixo, não faça _____, para ela não acordar.	<i>barulho</i>

Fonte: Questionário do ALQUIMPE, adaptadas do ALiB (CARDOSO *et al.*, 2014).

Após selecionadas as variantes para os vocábulos mencionados, construiu-se a carta fonética 4, que permitirá tecer mais informações sobre o comportamento da lateral /ʎ/ nos quilombos do Moxotó e Ipanema de Pernambuco.

4 Análise dos dados

Para a exegese, optou-se por apresentar um retrato geolinguístico pluridimensional, de modo a contemplar tanto a distribuição territorial quanto social das ocorrências.

Os dados foram inseridos no programa Goldvarb X³ (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005) com base nas seguintes variáveis:

a) Variável dependente – são três variantes que compõem essa variável, pensando na realização da despalatalização da lateral: preservação da lateral palatal, iotização e despalatalização

b) Variável independente – para essa variável, foram seguidas duas categorias:

- Variáveis extralinguísticas: ponto de inquérito, sexo e faixa etária
- Variáveis linguísticas: tonicidade, contexto precedente, contexto seguinte

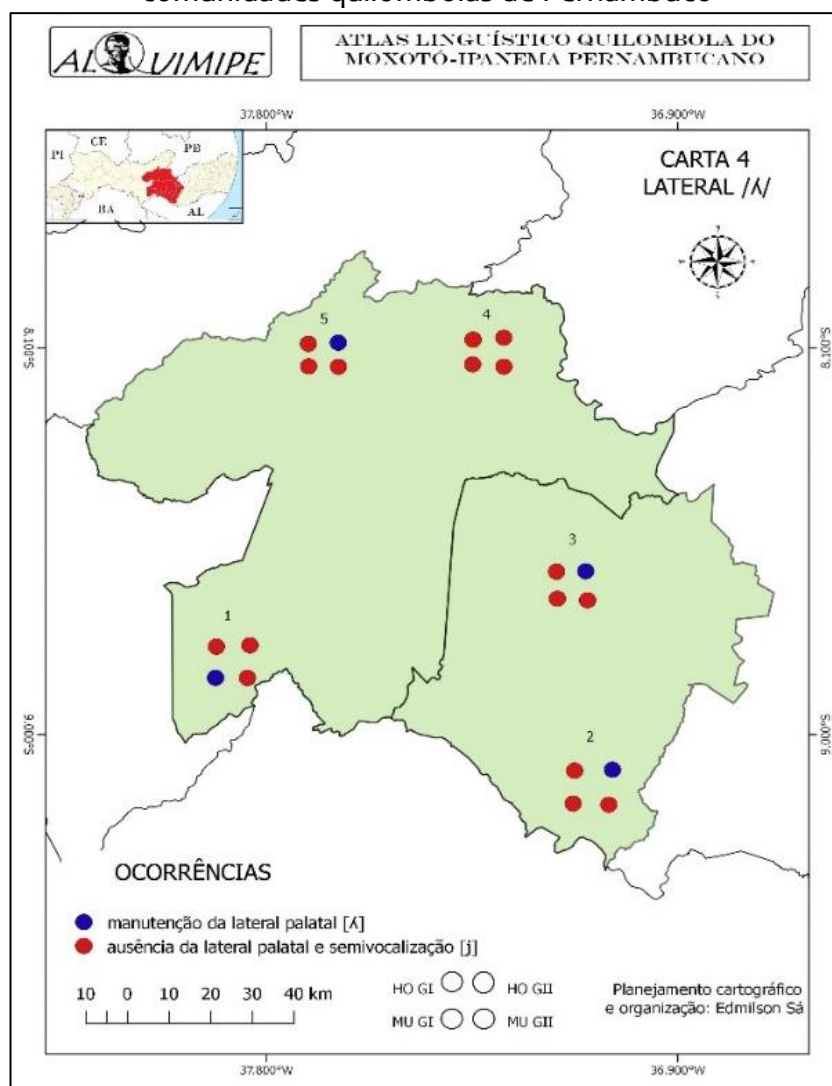
A análise parte, inicialmente, da interpretação dos dados sob a égide da localização do informante, de modo a perceber os limites em que a variante conservadora [ʎ] → orelha [o'reʎə] se distribui em detrimento das variantes inovadoras: [j] → barulho [ba'ruj], com a apócope do núcleo da postônica e [l] → mulher [mʊ'lɛ]. Em seguida, observam-se essas variantes à luz das variáveis sociais e linguísticas, segundo o que programa estatístico apresentou com maior relevância.

4.1 O viés geográfico

³ Trata-se de uma nova versão da ferramenta de regra variável para estudos relacionados à sociolinguística variacionista, “não apenas para conduzir análises estatísticas sofisticadas, mas também para ajudar a entender dados linguísticos e até mesmo para simplesmente organizá-los”. (TAGLIAMONTE, 2006, p. 128)

Considerando as cinco comunidades quilombolas onde foram realizados os inquéritos, percebe-se que a variante [ʎ] foi preterida nos inquéritos, como aponta a figura 1 do ALQUIMPE, ao contrário dos resultados das pesquisas citadas anteriormente.

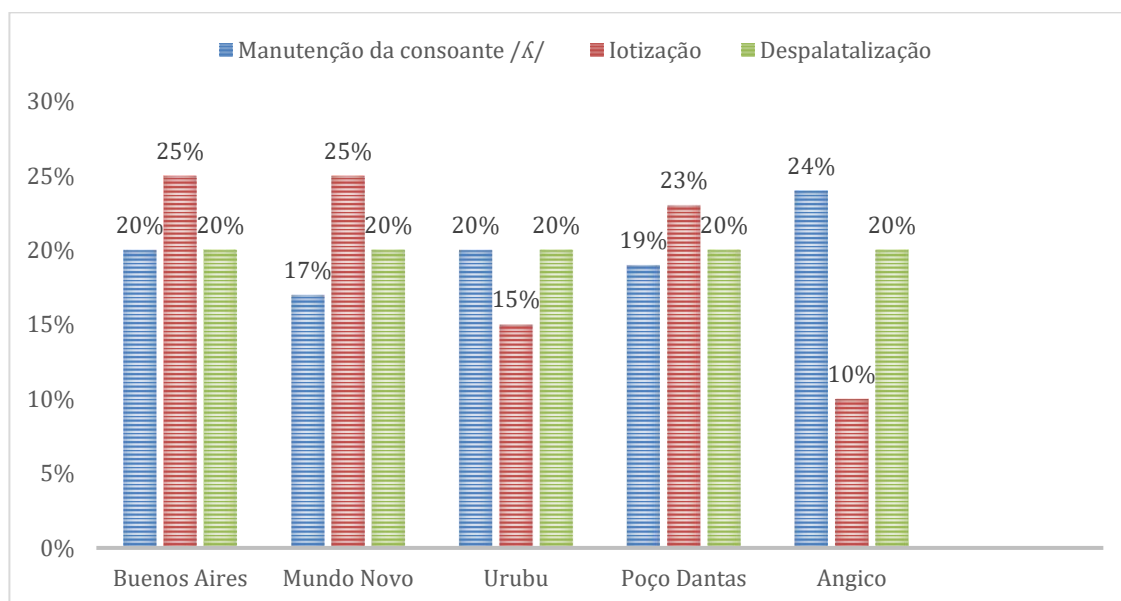
Figura 1 - Comportamento da lateral palatal /ʎ/ em comunidades quilombolas de Pernambuco



Fonte: ALQUIMPE (SÁ, 2018).

Em termos probabilísticos, o gráfico 1 expõe como se comportou a consoante palatal /ʎ/:

Gráfico 1 - Distribuição da lateral palatal nos quilombos de Pernambuco



Fonte: Organização do autor.

O gráfico 1 aponta a inovação na fala dos quilombolas das comunidades de Buenos Aires e Poço Dantas, no Moxotó, e em Mundo Novo, no Ipanema de Pernambuco, haja vista os percentuais elevados para a iotização ou ausência da consoante palatal em relação à sua manutenção. Em Angico e Urubu, no entanto, a iotização foi mais inibida. Foi justamente na comunidade de Angico que a palatal se sobressaiu, enquanto a despalatalização teve percentual equiparado em Urubu e nas demais comunidades investigadas.

4.2 O viés social

Para averiguar se o comportamento variável da lateral palatal /ʎ/ nos quilombos do Moxotó e Ipanema de Pernambuco decorre da interferência de restrições sociais, verificar-se-á como as ocorrências se distribuíram nas rodadas do programa estatístico.

Pensando na dimensão diagenérica, houve a necessidade de amalgamar as ocorrências com a despalatalização e excluir as que tinham a variante com a vogal pretônica média alta posterior [o], perfazendo, assim, 145 ocorrências *in totum*. Dessa maneira, foram considerados os dois comportamentos já evidentes na carta 4 do ALQUIMPE: manutenção da consoante palatal e ausência da consoante palatal/iotização. A tabela 1 apresenta como a variável sexo se manifestou perante a variação da lateral palatal:

Tabela 1 - Variação da lateral palatal /ʎ/ quanto ao sexo

Variante	Manutenção	Ausência	P.R.
Homem	30/41%	43/59%	0.65
Mulher	14/19%	58/81%	0.34

Fonte: organização do autor

A tabela pode ser interpretada coadunando com a maioria das pesquisas sociolinguísticas em que o falar conservador, carregado de estigma, é conferido ao homem, com peso relativo superior à probabilidade de a mulher exercer o mesmo comportamento.

Convém ressaltar, ainda, que o fato de o peso relativo ser mais baixo para o homem contrastando com o número e o percentual de ocorrências da ausência da palatal se deve à repetição dos itens que possuem a mesma variante, não interferindo, portanto, na realidade linguística das comunidades.

Na perspectiva diageracional, o resultado também foi previsível, haja vista a elevação do peso relativo ser perceptível para os quilombolas da segunda faixa etária, como se pode observar na tabela 2:

Tabela 2 - Variação da lateral palatal /ʎ/ quanto à faixa etária

Variante	Manutenção	Ausência	P.R.
18 a 30 anos	11/15%	61/85%	0.29
50 a 65 anos	33/45%	40/55%	0.70

Fonte: Organização do autor

Uma vez que as restrições sociais foram selecionadas por completo como relevantes para a existência da variação da lateral palatal, convém verificar o comportamento dessa consoante de acordo com as restrições de natureza linguística.

4.2 O viés linguístico

Dentre as variáveis linguísticas, o programa estatístico selecionou apenas a que retrata a interferência do contexto seguinte para a lateral palatal ser inibida. Nesse caso, tem-se, em questão, o peso relativo concernente à influência da vogal segundo a zona de articulação em que ela se manifesta, conforme observado na tabela 3:

Tabela 3 - Variação da lateral palatal /ʎ/ quanto à vogal seguinte

Variante	Manutenção	Ausência	P.R.
Vogal central /a/ (orelha)	45/62%	28/38%	0.51
Vogal anterior /e/ (mulher)	24/69%	11/31%	0.63
Vogal posterior /o/ (barulho)	32/86%	5/13%	0.24

Fonte: Organização do autor

A probabilidade de a vogal anterior ser mais inibidora da palatal /ʎ/ é notória na tabela 3, por ter atingido 0.63 de peso relativo. O fato é que durante a formação das vogais anteriores, é comum a língua posicionar-se à frente do trato vocal, como menciona Silva (2010), afastando-se do palato duro, que constitui o articulador passivo do fonema /ʎ/. Por isso, é possível conjecturar que a vogal anterior subsequente ao fonema palatal pode contribuir para seu enfraquecimento, já que a língua, sendo o articulador ativo do fonema, tende a se deslocar para a frente, afastando-se do palato duro.

Ainda que as variáveis linguísticas como tonicidade e contexto vocálico precedente não tenham sido relevantes estatisticamente, convém tecer algumas observações.

A primeira rodada do Goldvarb foi realizada no intuito de observar quais as restrições linguísticas e extralinguísticas influenciaram para que três variantes da lateral palatal – preservação da lateral palatal, iotização e despalatalização – pudessem fazer parte do falar quilombola do Moxotó e Ipanema de Pernambuco.

Ao considerar um número reduzido de variantes para os vocábulos ‘colher’ e ‘mulher’, houve *knockouts*⁴ em determinados contextos, impedindo que a estratificação se consolidasse e fosse possível estabelecer os índices probabilísticos para perceber a relevância de cada variável. Por isso, variantes com a despalatalização foram recodificadas com o mesmo código das ocorrências com a iotização da consoante de modo que a análise passou a ser observada a partir da manutenção e da inibição do traço [+palatal] da consoante lateral.

Em termos percentuais, a variável tonicidade teve um papel relevante na variação da lateral palatal, já que a perda desse traço se manifesta mais assiduamente na pronúncia dos vocábulos em que a consoante se encontra na sílaba tônica,

⁴ Knockouts ocorrem “quando uma variante é usada categoricamente, o efeito do fator associado a tal uso é obviamente muito forte, mas GoldVarb não pode operar porque não há variação”. (MOUGEON; NADASDI; REHNER (2010, p.192)

enquanto a manutenção do traço de palatalização foi mais contabilizada em sílabas átonas, conforme a tabela 4, na sequência. A proximidade dos percentuais entre os níveis de tonicidade tanto no que tange à manutenção da palatal quanto na ausência desse traço pode ser uma justificativa para que a variável não fosse selecionada pelo programa estatístico:

Tabela 4 - Variação da lateral palatal /ʎ/ quanto à tonicidade do vocábulo

Variáveis	Manutenção	Ausência
Sílaba átona (ovelha)	33/30%	77/70%
Sílaba tônica (colher)	11/31%	24/69%

Fonte: organização do autor

O contexto precedente também não foi selecionado pelo Goldvarb X. Considerando, então, a vogal que precedia a palatal, a análise foi feita a partir de /e/ e /u/. Foram, então, excluídas as três ocorrências de colher [ko'ʎɛ]. Os percentuais inseridos na tabela 4 apresenta o contexto que a palatal se sobressaiu nos vocábulos em detrimento da inibição desse traço de articulação.

Tabela 5 - Variação da lateral palatal quanto ao contexto precedente ao /ʎ/ do vocábulo

Variáveis	Manutenção	Ausência
/e/ (ovelha)	30/32%	63/68%
/u/ (mulher)	14/27%	38/73%

Fonte : Organização do autor.

A tabela 5 ratifica a justificativa proferida para a tonicidade não ter sido selecionada como relevante no programa estatístico: o fato de os percentuais serem próximos nas duas variáveis (manutenção e ausência) tanto em contexto /e/ quanto em contexto /u/, embora a ausência da palatal tenha sido manifestada na maioria das ocorrências do corpus.

Considerações finais

Neste estudo, adentrou-se no comportamento da consoante lateral palatal nas comunidades quilombolas do Moxotó e Ipanema - PE, em particular, seu apagamento

em posição de onset silábico. Através da caracterização das comunidades e do fenômeno em questão, apresentaram-se os principais resultados de uma análise quantitativa sob a perspectiva geossociolinguística.

Foram analisados contextos de vocábulos contemplando a estrutura λ +Vogal registrados nas respostas a inquéritos realizados por meio da aplicação do Questionário Fonético-Fonológico adaptado do que fora utilizado no Atlas Linguístico do Brasil (CARDOSO et al., 2014), em que foram selecionadas ocorrências para *grelha*, *colher*, *ovelha*, *abelha*, *orelha*, *joelho*, *mulher* e *barulho*.

Usando como programa estatístico o Golvarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005), os resultados foram distribuídos conforme as dimensões diastráticas (localização, sexo e faixa etária) e linguísticas (contexto precedente, contexto seguinte e tonicidade).

Após a análise dos percentuais, recorreu-se às rodadas *Stepping up* e *Stepping down*, e se percebeu que a variação da lateral palatal decorre do perfil social do informante e do contexto seguinte à consoante, não havendo, portanto, interferência da localização e das variáveis contexto precedente e tonicidade.

Ao contrário de outras pesquisas acerca do mesmo fenômeno em que houve categoricidade em relação à preservação da palatal, os quilombos pernambucanos estudados parecem ter um falar mais inovador, já que as variantes que sinalizam a despalatalização e a iotização da consoante se apresentaram de modo mais evidente.

O estudo em tela se torna, então, mais uma referência para a compreensão do comportamento variável da lateral palatal no português brasileiro, sobretudo, nos falares de comunidades tradicionais, o que *per se* já incita a possibilidade de ampliar a amostra no estado e refletir sobre o efeito conclusivo atribuído aos resultados ora apresentados.

Referências

- BERGO, Vitorio. **Pequeno dicionário brasileiro de gramática portuguesa**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986.
- CAGLIARI, Luís Carlos. **A palatalização em português: uma investigação palatográfica**. 1974. Dissertação (Mestrado em Letras). São Paulo, Campinas: UNICAMP, 1974.
- CAMARA JR., Joaquim Mattoso. **Estrutura da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Vozes, 1972.
- CARDOSO, Suzana et al. **Atlas linguístico do Brasil**, v.1. Cartas Linguísticas 1. Londrina: EDUEL, 2014.
- CARDOSO, Suzana. **Geolinguística: tradição e modernidade**. São Paulo: Parábola, 2010.
- FERREIRA, Carlota; CARDOSO, Suzana. **A dialectologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.
- FERREIRA, Milena Machado. **A Variação da lateral palatal segundo transcrição do banco de dados VARSUL**. 2011. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.
- FREIRE, Josenildo Barbosa. **Variação da Lateral Palatal na Comunidade de Jacaraú (Paraíba)**. 2011. Dissertação (Mestrado em Linguística e ensino) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.
- GOULART, Maurício. **A escravidão africana no Brasil: das origens à extinção do tráfico**. São Paulo: Alfa-Ômega. 1975.
- GUY, Gregory R. Varbrul: análise avançada. In: NEUSA, Matte (Org.). **Cadernos de Tradução**. Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras. 1998. p. 27-49. Tradução de Ana Maria Stahl Zilles.
- LIMA, Fernanda Barbosa de. **Aspectos fonéticos, morfossintáticos e lexicais do falar de Caiana dos Crioulos**. 2010. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010.
- MELO, Francisca Eleni Silva de. **A despalatalização dos fonemas /ʎ/ e /ɲ/ na fala urbana de Rio Branco-AC**. 2008. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Acre, Rio Branco, 2008.
- MILLER, Joseph C. Légal Portuguese Slaving from Angola. Some Preliminary Indications of Volume and Direction. In: **Revue française d'histoire d'outre-mer**, tome 62, n°226-227, 1^{er} et 2^{ème} trimestres 1975. La traite des Noirs par l'Atlantique : nouvelles approches. p. 135-176.
- MOTA, Jacyra Andrade. O valor estilístico de variantes estigmatizadas no português do Brasil, com base em dados do Projeto ALiB. In: Congrès International De Linguistique Et De Philologie Romanes, 25., 2007, Áustria. **Anais [...]**. Áustria, 2007. p. 1-7.
- MOUGEON, Raymond; NADASDI, Terry; REHNER, Katherine. **The sociolinguistic competence of immersion students**. Bristol, UK: Multilingual Matters, 2010.

- OLIVEIRA, Marco Antonio de. **Phonological variation and change in Brazilian Portuguese: the case of the liquids**. 1983. Dissertation (Doctor of Philosophy) – University of Pennsylvania, Philadelphia, 1983.
- QUANDT, Vivian de Oliveira. **A lateral palatal no português do Brasil e no português europeu**. 2014. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.
- RAZKY, Abdelhak; FERNANDES, Maria Eneida Pires. Atlas Linguístico do Brasil: a palatal /ʎ/ nos Estados do Amapá e Pará. **Signum: Estudos da Linguagem**, Londrina, v. 2, n. 13, p. 375-393, 2010.
- SÁ, Edmilson José de. **Atlas Linguístico quilombola do Moxotó-Ipanema Pernambucano (ALQUIMPE)**. Relatório de Pós-Doutorado. Belém: Universidade Federal do Pará, 2018.
- SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali; SMITH, Eric. **Goldvarb X: a variable rule application for Macintosh and Windows**. 2005. Disponível em: <http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.html>. Acesso em 01/06/2023.
- SANTOS, Selma Cruz. **Variação na lateral palatal em dialetos alagoanos: despalatalização e semivocalização**. 2018. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2018.
- SCHERRE, Marta; NARO, Anthony. **Origens do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2007.
- SETTE, Hilton; ANDRADE, Manuel C. **Geografia e história de Pernambuco**. São Paulo: Editora do Brasil S/A, 1959.
- SOARES, Eliane Pereira Machado. **As palatais lateral e nasal no falar paraense: uma análise variacionista e fonológica**. 2008. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.
- SOUZA, Laura Olivieri Carneiro de. **Quilombos: identidade e história**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.
- TAGLIAMONTE, Sali A. **Analysing sociolinguistic variation**. New York: Cambridge University Press, 2006.
- TEIXEIRA, Francisco; CHIANCA, Rosaly Braga. **História e geografia de Pernambuco**. Projeto Identidade. São Paulo: Ática, 2012.
- THUN, Harald; ELIZAINCÍN, Adolfo. **Atlas diatópico y diastrático del Uruguay (ADDU)**, I, 1-2, Kiel: Westensee-Verlag, 2000.
- THUN, Harald. O tratamento do material etnográfico no Atlas Lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay (ADDU). In: ENCONTRO SOBRE CULTURA POPULAR, 1. 1999, Ponta Delgada. **Anais...** Ponta Delgada: Universidade dos Açores, 1999. p. 481-499.
- THUN, Harald. La geolingüística como lingüística variacional general (con ejemplos del Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay). In: INTERNATIONAL CONGRESS OF ROMANCE LINGUISTICS AND PHILOLOGY, 21., 1995, Palermo. **Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza**. Tübingen: Niemeyer, 1998. v. 5, p. 701-729.

THUN, Harald. La pluridimensionalidad del Atlas Lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay (ADDU). In: **Anais del Congreso Del español de Américas**. Bruxelas: 1995. p. 1-35.



The behavior of the palatal variable /ʎ/ in quilombola speech in Pernambuco

ABSTRACT:

The present work aims to analyze the variable behavior of the palatal lateral consonant /ʎ/ in Pernambuco quilombos. To this end, phonetic occurrences were selected for words such as *grelha*, *colher*, *ovelha*, *abelha*, *orelha*, *joelho*, *mulher* and *barulho*. The idea starts from the preliminary verification of some achievements with the referred consonant kept in the words, but also with items in which there was both depalatalization and iotization. Through a theoretical-methodological support given to Labov (1972) in which Variationist Sociolinguistics predominates, through which each linguistic aspect that can be modified according to the speaker's preference is influenced by a social valuation that guides their choice. The research was conducted in five quilombos from the State of Pernambuco (three from the Sertão do Moxotó and two from Ipanema) with twenty people evenly distributed in terms of sex and two age groups – 18 to 30 years and 50 to 65 years. The analysis process was done using Goldvarb X, correlating the social variables to the linguistic ones (tonicity, previous context and following context). The results point to an inhibition of the conservative variant [ʎ], since women, especially in the second age group, preferred the innovative variants in which the consonant lost the palatal feature. From the linguistic point of view, in turn, the depalatalization results from the vowel articulated after the palatal consonant, not being favorable, therefore, the tonicity and the preceding context.

KEYWORDS:

Pernambuco;
Quilombos;
Sociolinguistics;
Palatal Lateral /ʎ/